

Teresinha D'Aquino

Docente de Sociologia Departamento
de Sociologia e Antropologia – FFC–
UNESP – Campus de Marília, Av.
Hygino Muzzi Filho, 737. 17525-
900 – MARÍLIA – SP e colaborado-
ra do Curso de Pós-Graduação
em Sociologia–UNESP –
Campus de Araraquara.

Assentamento Como Nova Forma de Vida Rural: Espaço e Tempo no Assentamento Rural da Fazenda Reunidas – SP¹

Esta abordagem do assentamento rural sob a ótica da construção do espaço/tempo a partir da memória da casa como lugar de reprodução familiar, alimentase dos devaneios de Bachelard sobre a terra, a vontade e o repouso e do conceito de estilo de vida, de Bourdieu².

Chega-se a esta análise após longa trajetória de estudos sobre luta pela terra e assentamentos no Estado de São Paulo, iniciada em 1987, como parte de pesquisa multidisciplinar. Após ter elaborado um Censo das famílias assentadas, procurou-se recuperar, através de depoimentos, a história e memória dos trabalhadores

na luta pela terra e após sua conquista, sob a ótica da ação do MST e da construção da nova vida na terra. Trabalhar com a família assentada é uma categoria central, pois concebendo que a família é o lugar em que as classes trabalhadoras se constituem como cultura e identidade³, procura-se captar o universo cultural

¹ Parte da pesquisa desenvolvida no Projeto integrado "Assentamentos de trabalhadores rurais: a construção de um novo modo de vida em um campo de possibilidades e diversidades", com apoio do CNPq. A pesquisa é realizada no maior assentamento do Estado, o das Fazendas Reunidas – município de Promissão/SP. Os dados fundamentais desse assentamento são: 1) início da luta em 1985; 2) desapropriação da fazenda de cerca de 17.000 ha de terra em 1986; 3) assentamento inicial das 44 famílias que deram início ao movimento em 1987; 4) em julho de 1988 assentamento definitivo das famílias – 10 agrovilas, lotes de cerca de 15 ha, 634 famílias.

² O "estilo de vida", constitui, "um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, móvel, vestimentas, linguagem ou hexis corporal, a mesma intenção expressiva, princípio da unidade de estilo..." Constitui, portanto, uma "cultura" adquirida em um grupo homogêneo, produto de disposições objetivamente concertadas, por constituírem a interiorização das estruturas objetivas. **Pierre Bourdieu: Sociologia**. Org: ORTIZ, R. São Paulo, Ática, 1983, p.83. A respeito das diferenciações na construção do modo de vida, vide nossa comunicação apresentada no 17o. Encontro Nacional APIPSA.

³ Nessa análise combino o conceito de reprodução antropológica de BERTAUX, com o conceito de estilo de vida de BOURDIEU. As análises de TELLES, sobre as famílias trabalhadoras urbanas em São Paulo também ajudaram-me na construção do referencial analítico.

Remetendo-nos às reflexões de THOMPSON, vale lembrar que entre os séculos XIV e XVII foi se instituindo nova percepção do tempo, com a introdução de um relógio moral, que aliou a categoria tempo à idéia de produtividade. Esse relógio moral, ao qual a maior parte dos assentados estava habituada (por terem passado pelo assalariamento rural ou urbano), é substituído, na chegada à terra, pelos tempos largos do ritmo da natureza e pela liberdade no uso do tempo que ausência de patrão simboliza. Mas, para os cooperados, o trabalho é controlado por meio do relógio ponto e a remuneração é feita por “hora trabalhada”. Todo o processo de trabalho é racionalizado e gerido pela cooperativa, através dos coordenadores de setor. O trabalhador, do ponto de vista da organização do trabalho, está submetido aos mesmos ditames do trabalho fabril, que o impede de controlar seu trabalho. Esta forma encontrada pelo MST para viabilizar economicamente os projetos de reforma agrária, é rejeitada pelas famílias assentadas que colocaram a busca de autonomia no centro de seu projeto de vida na terra, optando pela produção em lote individual, o “sítio”, que, em seu imaginário, é o espaço de reprodução da família e da liberdade. Os trechos de depoimentos abaixo revelam esse imaginário:

“Aqui tem mais sossego. Tem porco, tem galinha, tem vaca de leite. A gente não é mandado, não é castigado que nem trabalhar para os outros”. (D. Maria, Agrovila José Bonifácio, 1994).

“Minha vida mudou muito, principalmente no modo de trabalhar, porque a gente trabalha à vontade, faz o que a tua cabeça achar que é melhor, o que você gosta. Porque trabalhar de empregado, às vezes tem que fazer coisa que não gosta, aqui não, você vai fazer o que gosta”. (D. Sidney, 44, Agrovila José Bonifácio, 1994).

“A terra é da gente, a gente colhe e planta o que quer. Foi muito bom, o horário a gente faz, a gente trabalha pra gente”. (D. Floriza, 51, Agrovila José Bonifácio, 1994).

“Antes, quando nós éramos empregado dos outros, muitas coisas eu queria fazer, mas de que jeito? Plantava uns poucos pés de mandioca no meio do café, que não dava pra nada. Hoje nós fazemos biscoitinho de polvilho a rodo, de tanta mandioca que nós tem. Viche, é um delícia, nossa! Num precisa compra nada pra fazer o biscoito, ovo você tem, gordura, você tem, polvilho, você faz. Só compra o sal. Que gostoso que não é, né menina? Eu acho que se melhorar mais estraga, viu?”. (D. Vanira, 45, Agrovila José Bonifácio, 1994)

Os depoimentos revelam que a liberdade de fazer o próprio horário, de planejar e executar com autonomia as atividades de produção e mesmo as mais corriqueiras do dia-a-dia, o cotidiano da vida, aliada à produção para o autoconsumo, que garante fatura, são os símbolos do estilo de vida que escolheram. Ao controle pessoal do tempo, associam a liberdade de organizar o espaço que constroem paulatinamente, afastando-se, como pudemos observar, de qualquer semelhança com a concepção urbana de casas dispostas ao longo de uma rua. Não há, aparentemente, uma lógica, a não ser a de ocupar o seu lugar, via de regra centralizado na casa, lugar de produção e reprodução do indivíduo, da família e do lote⁵. Contrastam profundamente com a organização em Cooperativa, com suas casas ao longo de uma rua, o que expressa mudança de visão de mundo dos trabalhadores organizados pelo MST, que procura salientar as vantagens da reprodução da organização espacial da cidade, numa proposta que, de fato, consiste num esforço de regulação da vida dos trabalhadores através da

• • • • •

• ⁵ A respeito da unidade básica entre a terra, propriedade, produção/reprodução e consumo familiar vide SHANIN, T. *Campesinos y sociedades campesinas*. México, Fondo de Cultura Económica, 1979.

normatização do espaço⁶. Se para as famílias cooperadas o controle estrito do tempo e do espaço passa a expressar a possibilidade de viabilizar a permanência no assentamento e seu sucesso, que se traduz em liberdade conquistada num esforço conjunto, para os assentados que constroem seu projeto em torno da idéia de sítio, ou “horto” rural essa proposta é inaceitável. Os laços de integração comunitária são alcançados pela via do compadrio, do parentesco, da solidariedade vicinal, da ajuda mútua conhecida por “traição”, do inter-casamento entre os filhos, das festas religiosas e do comércio nas primeiras “vendas” construídas no espaço que seria da agrovila, revelando a concepção do mundo rural centrado na vila, mas disperso pelos lotes.

As experiências relatadas revelam a heterogeneidade das práticas e as diferentes concepções de vida construídas cotidianamente pelos trabalhadores assentados, manifestas nos hábitos de trabalho, nas formas de disciplina, na relação tempo/espaço/corpo que, gradativamente, vão marcando o lugar e as pessoas. São diferentes estilos de vida em construção.

II – Para uma Poética do Tempo e Espaço nas Terras da Promissão⁷

Acompanhando a trajetória dos trabalhadores hoje assentados, buscou-se um referencial teórico que permita trabalhar com a construção do “novo modo de vida” no meio rural, combinando o conceito de ‘estilo de vida’ de BOURDIEU, com uma sociologia da família, concebida como o lugar em que as classes trabalhadoras constroem sua identidade e subjetividade no cotidiano da vida no assentamento, o que remete à reunião dos fragmentos dispersos da vida cotidiana, retalhos do modo de vida em construção, interpretados a partir da memória grupal. De fato alimentar-se, vestir-se, habitar, produzir e reproduzir objetos que o consumo devora⁸ são hábitos que fazem parte do cotidiano vivido de maneira quase que inconsciente, que ganham um significado diferente quando realizados num espaço “vazio” de vida social a que se atribui o significado de um “novo espaço” conquistado na luta. Trata-se de construir toda a vida, projeto que está centraliza-

do na construção do novo lugar a partir da casa, da moradia familiar. Nessa construção a memória de outros lugares, vividos em outros tempos, marca os projetos individuais, familiares e grupais. Morar no assentamento afigura-se, para as famílias recém-chegadas, como um “novo tempo de viver” no qual se invertem as prioridades e, muitas vezes, até mesmo a relação espaço/tempo.

Pensar “assentamento” revela-se, portanto, como um exercício precioso, pois a chegada ao novo “LUGAR” (físico e social) de um número considerável de famílias que passam a ocupar um espaço antes vazio socialmente (embora ocupado pelo latifúndio improdutivo) coloca a necessidade de um exercício de pensar o “novo”, ou seja, a chegada, o assentamento, a construção desse modo de vida. Esse exercício envolve estudo das representações dos trabalhadores sobre o assentamento, como novo lugar de vida e de trabalho; estudo da família assentada e suas representações centradas na idéia da construção de um projeto de vida que se anteponha à fome, à exclusão social, enquanto experiência de realização

⁶ “A urbanização, que representa a construção das moradias mais próximas, permite quebrar o isolamento social das famílias, cria laços de maior integração social, comunitária e permite o desenvolvimento de inúmeras atividades comunitárias e culturais, de forma permanente. O que não se promove em casas isoladas distantes, pelo contrário, até impede. GORGEN, F. S. & STEDILLE, J.P. (org.) *Assentamentos: a resposta econômica da Reforma Agrária*. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 142.

⁷ Neste item busco trabalhar com a *memória de*, que situa o retido no passado, com a *memória para*, que projeta o passado no presente, trabalhando com o acervo familiar e grupal e sua contribuição para a construção do *habitus*. Faço uma tentativa de trabalhar com análise cruzada, empregando a evidência oral como fonte de informações.

⁸ A idéia é extraída de LEFEBVRE, *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991, p. 45.

de um modo de vida que garanta a sobrevivência e reprodução grupal. Tais representações têm como centro a idéia de uma família unida realizando um projeto de segurança grupal, em um imaginário em que pobreza e exclusão social trazem a marca da desagregação moral e da desordem, numa associação muito frequente nas classes trabalhadoras, entre pobreza e crime⁹. Pensar a construção do novo modo de vida envolve ainda um estudo das representações dos trabalhadores sobre a casa, seu significado no lote, bem como na distribuição espacial do lote e da moradia em seu interior ou fora dele, na agrovila. Envolve também um estudo da memória grupal construída no cotidiano da vida na terra, mas alicerçada na memória da luta e nas experiências que antecedem essa luta, fonte da diferenciações entre os diferentes grupos de famílias assentadas. Sob essa ótica revelam-se, ao primeiro olhar, as diferenças relativas às experiências de vida rural ou urbana, a condição dessa vida, se proletária ou autônoma e até mesmo as diferentes imagens espaciais que os trabalhadores portam na chegada à terra. Enfim, trabalhar com as imagens presentes na memória grupal, revelou-se o melhor ca-

minho para chegar aos sonhos que alicerçam a dura luta pela terra. Nessa concepção, a vida sonhada alicerça o real e dialoga com ele. Sem essa dimensão “sonho” seria muito difícil compreender as agruras pelas quais passam as famílias em sua caminhada em busca de terra para plantar, viver e reproduzir-se.

Para captar sonhos e lembranças, foram coletadas histórias de vida de homens e mulheres hoje assentados nas terras de Promissão-SP e selecionados trechos de falas de três mulheres¹⁰, cuja trajetória de vida e de participação na construção da história do assentamento é bem diferenciada: D. Teresinha, (38 anos, origem rural, assalariada urbana, chega ao assentamento após inscrição) nunca lutou pela terra, mas a concebe como a realização de um sonho de fartura e liberdade; Néia (43 anos, nascida na cidade, viveu a vida rural desde o casamento, aos 18 anos), participou da luta pela terra desde as primeiras articulações via CPT e, uma vez assentada, torna-se uma “feliz sitiante”, deixando de participar do movimento; Lurdinha (41 anos, de origem rural, proveniente do meio urbano, formada nos movimentos de base, torna-se lí-

der do MST), busca realizar o projeto de vida em coletividade. Essas diferentes trajetórias marcam a memória, o projeto de vida e o estilo de vida em construção no assentamento.

Investigando a partir dos eixos acima propostos, atribui-se papel fundamental à imaginação criadora, o que nos remeteu à poética de BACHELARD, para tratar desses sonhos de ação que ele designa como *devaneios da vontade*¹¹, *essas imagens que saem do próprio fundo humano*, mais presentes quanto mais sólida e positiva, ou “dura” é a matéria, nesse caso a Terra. Os vãos de BACHELARD sobre a Terra e os devaneios do repouso, em especial quando trata das imagens de intimidade presentes na casa também constituíram-se em referencial de pesquisa:

“Seriam precisas longas páginas para expor, em todos os seus caracteres e com todos os seus planos de fundo, a consciência de estar abrigado. São inumeráveis as impressões claras. Contra o frio, contra o calor, contra a tempestade, contra a chuva, a casa é um abrigo evidente, e cada um de nós tem mil variantes em suas lembranças para animar um tema tão simples.

⁹ Vide a respeito da associação entre pobreza e criminalidade nas classes trabalhadoras, o artigo de TELLES “A experiência da insegurança: trabalho e família nas classes trabalhadoras urbanas em São Paulo” *Tempo Social: Rev. de Sociol.* USP 4 (1-2); 53-93, 1992.

¹⁰ As histórias de vida foram coletadas pelos Bolsistas de IC: Maria Teresa Papa Nabão, Patrícia Helena Buim e José Benedito Leandro e estão publicadas, na íntegra, In D’Aquino, T. *RETRATOS DE ASSENTAMENTOS. CADERNOS DE PESQUISA*. Ano III n.º.4 – 1996.

¹¹ Vide BACHELARD, G. *A Terra e os devaneios da vontade*. Ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 1991, Prefácio.

Coordenando todas essas impressões e classificando todos esse valores de proteção, perceberíamos que a casa constitui, por assim dizer, um contra-universo, ou um universo do contra. Mas é talvez nas mais frágeis proteções que sentiremos a contribuição dos sonhos de intimidade. Basta pensar, por exemplo, na casa que se ilumina no crepúsculo contra a noite. Logo temos o sentimento de estar no limite dos valores inconscientes e dos valores conscientes, sentimos que tocamos um ponto sensível do onirismo da casa.”¹²

Através de histórias de vida dos assentados, enfoca-se o “estilo de vida”, a construção da nova vida na terra, a construção de um projeto grupal/familiar, que remete a “sonhos”. Evidentemente essas imagens não são algo dado. Como diz BACHELARD: “Daríamos uma falsa idéia da imaginação se não disséssemos o quanto as imagens são raras”¹³. Somente muitos anos de intimidade com o tema e com o trabalhador assentado permitiram chegar à dimensão onírica. São depoiamentos de intimidade, que revelam a dimensão “sonho de obter terra própria” que permeou toda a luta, ao mesmo tempo em que dão claramente os contornos do estilo de vida que almejaram construir, na chegada ao assentamento. O sítio, as criações, a tran-

qüilidade da vida rural, traduzem a possibilidade de reprodução familiar, fugindo à fome e às dificuldades da vida urbana.

Os devaneios de BACHELARD permitem considerar as imagens da intimidade presentes no espaço do lote e da moradia, num espaço amplo que se antepõe às imagens do estilo de vida urbano, ajudando a pensar os símbolos da intimidade presentes na casa rural e urbana, o contraste entre a vida aberta no campo e a vida fechada, da cidade:

“...No fundo, a vida fechada e a vida exuberante são ambas necessidades psíquicas. Mas antes de serem fórmulas abstratas, é preciso que sejam necessidades psicológicas com um quadro, com um cenário. Para que haja essas duas vidas são indispensáveis as casas e os campos.

Percebe-se agora a diferença de riqueza onírica entre a casa de campo construída verdadeiramente sobre a terra, dentro de uma cerca, em seu universo, e o edifício cujos compartimentos nos servem de moradia e que só se constrói sobre o calçamento das cidades?...”¹⁴

Esta casa de que falamos reúne imagens do passado, a casa paterna e as sucessivas imagens das casas habitadas ao longo de uma vida de migração. Essas casas estão distantes, não são mais fisicamente habitadas, mas estão presentes na construção do novo espaço. São, portanto, habitadas na lembrança. Por essa razão, famílias de origem rural recente pensam o lote e a moradia no lote de maneira diferente daquelas que viveram a vida proletária urbana, nas casas da COHAB, nos barracos das favelas ou nas vilas operárias. A percepção do espaço largo, aberto e verde exige a reconstrução do olhar. A psicologia da vida fechada no espaço da casa urbana, opõe-se à psicologia da vida aberta para o verde, em que moradia e quintal, pomar, horta e roça são alcançados a um só tempo, pelo olhar mais largo, um olhar ao mesmo tempo de satisfação, de realização, de liberdade e de cuidado/domínio. O trecho abaixo, extraído da história de vida de Dona Teresinha, fala do olhar:

“Aí, apareceu um serviço de fábrica, pra costurar em casa. Costurei muitos anos pra essas fábricas de Bonifácio... Quando nós viemos definitivo para cá, uma coisa que eu estranhei mesmo foi o sol. Lá, parecia que era mais

¹² BACHELARD, G. *A terra e os devaneios do repouso*. Ensaio sobre as imagens de intimidade. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 87. grifos do autor.

¹³ BACHELARD, Op. cit. p. 130.

¹⁴ BACHELARD, idem, *ibidem*.

frio e a gente ficava mais dentro de casa. Outra coisa que me deu problema foi a vista, porque lá eu só olhava de pertinho, que costurar é bem de pertinho, né? E eu não saía para lugar nenhum. Cheguei aqui, a minha vida era olhar! Olhava para lá, olhava pra cá, hoje está tudo cheio de plantação, mas quando eu vim era tudo limpo, então, dava para olhar longe. Nossa! Eu tinha uma dor de cabeça! Aí, fui na farmácia lá da cidade e falei: “Oh, não sei o que é que eu tenho, mas eu estou tendo muita dor de cabeça!” Aí, o farmacêutico perguntou porque e eu expliquei: “Se eu fico dentro de casa, não doe, mas se eu fico andando pelo terreiro aí, fica doendo.” Então, eu contei aonde eu estava morando, e ele falou: “Sabe o que é? A sua vista estava acostumada a olhar só de pertinho e agora está olhando longe, então, está dando esse problema. Você fica mais uns dias e se não melhorar, você vai ter que procurar um oculista.” E não é que era falta de olhar longe mesmo! Depois que acostumei, nunca mais deu problema de vista”.

“Hoje, já não gosto de costurar não! Às vezes costuro um pouquinho para a casa, mas me dá calor e inquietação. Tem gente que me fala: “Porque você não pega roupa da fábrica e continua costurando daqui?” Eu não! Porque se eu estiver costurando e uma galinha cantar lá fora eu já tenho que ir correndo ver aonde ela botou! Se a vaca está berrando, eu tenho que ir lá ver o que é que a vaca tem. Então, eu não tenho vontade de ficar quieta dentro de casa. Eu quero é saber de ficar andando, olhando a roça, as cri-

ação... lidar na roça, catar quiabo, adoro catar quiabo, agora, serviço de casa eu não gosto, não!”

As lembranças de Dona Teresinha falam de três experiências diferentes, que traduzem diferentes *habitus* grupais: a experiência de assalariamento rural como bóia-fria, a de trabalho industrial à domicílio e a de trabalho em sua terra, o seu sítio. O contraste entre essas atividades é inconsciente, mas vivo e altamente revelador. A vida na roça, para ela, é percebida em oposição à vida urbana e ao trabalho “para os outros”. O morar na cidade se traduz numa outra forma de ocupar e conceber o tempo: a hora certa, definida pelo horário de “pegar” ou “largar” o serviço e por uma longa jornada de trabalho, é vista em oposição à autonomia da vida rural centrada no lote. A costura, que habituava a olhar miúdo, foi substituída pelo olhar longe, que se estende pelo lote, pela horta e as criações. A concepção de vida agora envolve andar, lidar na roça, olhar o que é seu. Essa concepção se revela no olhar, cujo núcleo é a casa. O modo de vida expressa a relação corpo/casa/terra. Revela-se também na ocupação do tempo com outras atividades de lazer que remetem a uma vida grupal centrada na sociabilidade de vizinhança, que ela conta com prazer:

“Sabe, que morar em vila não é bom não! Lá, a gente não podia ter nada do que tem aqui.... Um terço de São João, na vila tinha e a gente já sabia

que era na casa do meu tio. Aqui também tem em vários lugares. A gente vai a pé, todo mundo junto, chega lá reza os terço, depois come alguma coisinha, brinca, diverte... Chega de domingo a gente sobe tudo lá para a agrovila, tem jogo, eu tenho o genro que joga e o moleque que gosta, os sobrinhos, os rapazes que consideram a gente como da família. Sábado à noite, a gente vai também, conversar com as colega, reza o terço na igreja, toma um refrigerante. Lá eu não fazia nada disso, porque dentro da vila tinha preocupação de ter que levar as crianças para fazer alguma coisa... As vezes, a gente também vai em comício. Sabe que em comício eu só tinha ido quando era pequena? ...Lá na vila eu não largava de assistir televisão para ir ver comício de candidato de jeito nenhum.”

O horizonte de Dona Teresinha, começou a expandir-se a partir do novo olhar, o olhar longe, processo que se completa com a expansão da sociabilidade, tão grande que hoje atinge a agrovila toda, ampliando a parentela, algo que ela expressa na liberdade conquistada de ir a campo de futebol, pois os rapazes a consideram como família. O cultivo da sociabilidade grupal exige o controle do tempo, a liberdade de ir e vir, que, na memória, sempre se opõe à experiência do trabalho assalariado, lembrado como aquele tempo em que tinha que “estar no pau do pecado”, o ponto de ônibus, bem cedo, para ir ao trabalho. A posse do tempo “para si”, num espaço que é dela, dá a sensação de liberdade, revelada na frase:

“Lá na vila eu ficava presa, só na beira da máquina e mais nada! Cheguei aqui e achei a liberdade. No começo eu ficava andado por essa roça o dia inteirinho, nem que não fosse para fazer nada, meu prazer era andar, sem horário, sem patrão!”

Liberdade, nesse depoimento, é expressão que reúne autonomia no trabalho, posse do tempo e uma verdadeira redescoberta do corpo, do olhar, do andar, do viver em terra própria. E todo esse conjunto que envolve casa, família, trabalho, expressa também tranquilidade e fartura:

“Eu me sinto bem mais feliz aqui do que lá na vila. Trabalho bem menos, porque lá, na beira de uma máquina, eu sabia que tinha que dar conta do dinheiro até para o fim do mês. Aqui não, você pode chegar no fim do mês sem dinheiro, mas pelo menos, o que comemos a gente não paga. Às vezes, na vila, eu tinha vontade de comer um frango e quantas vezes com o dinheiro na mão e não achava o frango para comprar...um franguinho caipira, quantas vezes nós queríamos e não tinha. Aqui não, se nós quiser um franguinho caipira é só matar, é rapidinho! E tem mais, na vila, a gente tinha que comprar de tudo, arroz feijão, gordura, sabão, além de ter que pagar aluguel e luz, só não pagava água porque não tinha na rua, tinha que ir buscar, nas costas, a um quarteirão de distância. Aqui não, se quero um frango caipira eu vou no terreiro e tem. De vez em quando, tem um porco gordo, eu mato. Sabão, eu faço em casa, não preciso estar comprando essas barri-

nha que eu comprava antigamente e não valia de nada. Desde que vim para cá nunca mais compramos um quilo de arroz. Plantamos e colhemos bastante, temo milho abóbora e mandioca à vontade.”

“Eu não penso em ir embora daqui de jeito nenhum. Muita gente falava que eu não ia acostumar, eu mesmo tinha muito medo! Mas que nada, toda vida eu sempre gostei de roça e de criação. Todo dia cedo, isso é sagrado, eu vou na lavoura, tenho que subir, andar na roça, olhar a plantação para ver se está crescendo, olhar a criação para ver se está engordando!”

A realização do sonho de fartura aparece no desejo de permanência na terra e no medo de perder este “lugar”, que significa segurança e possibilidade de reprodução familiar. A vida aberta no mundo rural é permeada de símbolos: tempo de trabalho por conta própria, combinado com tempo para o lazer X tempo de trabalho para o patrão; trabalho assalariado X trabalho autônomo; viver de salário X fartura garantida pelo trabalho no lote familiar; monetarização de todas as dimensões da vida X autoconsumo.

Ao refúgio simbolizado pela casa soma-se a intimidade da vida rural aliada à sociabilidade vicinal, às formas simples e ricas de sociabilidade reencontradas na volta à terra. Poder reorganizar o próprio tempo e espaço é um privilégio partilhado pelos assentados, que envolve várias

descobertas: a primeira é a do corpo, em seguida a da casa, a dos amigos, a vizinhança. A redescoberta da luz, do longe, do verde, é acompanhada da redescoberta do tempo de lazer e de conversar. O primeiro momento, sem dúvida é de insegurança face ao desconhecido simbolizado pela escuridão a que o olhar está desacostumado. Os temores de D. Teresinha, na chegada à terra, revelam esse medo:

“Viemos para cá quando saiu esse projeto da reforma agrária, mas no começo eu tinha muito medo, por duas coisas: não tinha força [energia elétrica] e eu tinha medo de morar em barraquinho de plástico, porque quando eles veio para cá, era barraquinho de plástico e eu tinha muito medo! O primeiro dia que eu vim aqui o meu marido estava fazendo a casa e eu vim trazer as dobradiça para por nas porta. Já estava coberta só faltava por as porta, aí eu falei: “Ah, hoje nós posa aqui mesmo!” Já tinha colchão, mas não tinha cama, então, eu disse que não ia dormir no chão não, porque de dia eu tinha matado uma cobra. Aí, fizemos umas pilha de tijolo, pusemos a grade da cama e o colchão por cima. Foi chegando de tardezinha, foi ficando escuro, de um jeito ruim, o marido estava pescando e comigo só estava o filho mais velho, os outros tinha ficado na vilinha. Aí o Carlinho chegou com os peixe para mim limpar mas eu não achava jeito! Eu estava acostumada com a luz, não tinha televisão, não tinha geladeira, não tinha nada aqui e eu ainda por cima com medo da cama. Quando chegou a hora de deitar eu deitei, mas

quem disse que eu dormi? No outro dia levantei bem cedo, mas não tinha o quê fazer, não tinha galinha, não tinha nenhuma porca, não tinha nada! Eu levantei, dei uma olhada por tudo e falei: “Quer saber de uma coisa? Eu vou embora! A Reunidas (ônibus) passa aqui às nove hora, os moleque está lá em casa sozinho, eu vou é embora, não vou ficar aqui não!” Juntei a minha sacolinha e fui embora esperar a Reunidas. Cheguei em casa os moleque perguntaram: “Mãe, como é que é lá?” Eu disse: “É gostoso, é bom, nós vai acostumar!” Mas só Deus sabia que por dentro eu pensava: “Nós não vai acostumar, não!” Aí que medo que eu tive! Aquela escuridão toda. Agora não, não tem força até hoje e eu estou bem acostumada. Eu tenho lampião, mas nem lampião eu uso, fico só na lamparina. Acho que acostumei porque vim com os filhos todos, trouxe galinha, porco...”

Note-se que dona Teresinha, de origem rural, já havia se desacostumado com a escuridão. Simbolicamente, esse medo parece associar-se ao viver sem energia elétrica, água encanada, sem televisão, com tudo o que estava deixando para trás ao vir para o acampamento. O medo também está presente na fala de outra mulher, Néia, que participou com seu marido Ademar, de todos os momentos da luta pela desapropriação. Seu medo remete aos embates da luta pela terra:

“...Sei dizer que eu sofri prá chegar agora onde eu estou! Ter esse pedacinho de chão que eu adoro, ter esses 8 alqueire de terra! Ai, eu tinha medo, menina, eu chorei muito! A primeira ocupação que é esta destes assentados aí da CESP, eu fiquei com muito medo de ir. Chorei igual uma louca, mas não concordei. Já a segunda, que eu sabia que era uma coisa mais legalizada, tinha as reunião no salão do cruzeiro, sabia que o INCRA também estava ajudando a tomar a terra, sabia que era improdutiva, que não tinha escritura, aí eu perdi o medo! Então o Ademar vendeu a nossa casa e nós resolvemos acampar. Minha mãe ficou chorando, ela não queria... Nós dispomos de tudo que tinha prá poder acampar... Quando nós iamos na cidade, aquelas pessoas falavam assim: “Vocês são umas cambadas de vagabundos! Vai trabalhar prá vocês comprar terra! Aquilo lá tem dono! ... Hoje em dia eles são a favor a gente, porque nós demos muito lucro prá cidade, nós levamos cereais, os mercados vivem cheios de gente, de assentado, fazendo compras..”

As dificuldades da luta relatadas por Néia, têm o sabor de conquista. Néia hoje expressa o ideário camponês, quando agradece pelo pedaço de chão conquistado:

“...Eu agradeço muito esta luta, nossa e como! Viche, valeu a pena! Hoje em dia temos o nosso pedaço de chão, temos nossa vaquinha no pasto, meus porquinho, minhas galinha!”

“Eu fui uma moça nascida e criada na cidade! Casei com um moço do sítio e hoje eu não gosto de morar na cidade. A minha vida é aqui na Fazenda Reunidas! As vezes eu vou em Promissão passear, fazer compra, ir no médico e aí a minha irmã fala: “Ai, credo! Não sei como você gosta dessa vida! Não tem força nem nada!” Aí eu falo: “Ih Cirça!” Que minha irmã chama Cirça. “Eu adoro aquele pedacinho de chão, eu venho aqui mais não vejo a hora de chegar em casa!” Amo mesmo esse lugar! Valeu a pena esta luta!... Eu não me arrependo de ter desfeito de tudo que eu tinha na cidade prá tá vivendo na vida do campo. Fico muito feliz!”.

Tendo realizado o sonho da terra própria, hoje Néia está circunscrita ao espaço do lote, da casa, do quintal e da roça. De sua experiência de luta está presente a memória que se expressa ao contar a história de vida/luta pela terra. Plantar para comer, criar seus porcos e galinhas, sua vaquinha de leite são parte dos sonhos de muitos dos assentados, em sua busca de autonomia. São os trabalhadores cuja identidade é marcada pela memória da vida rural no sítio, local de moradia, de trabalho e de reprodução da família. Esse ideário está presente na fala de Néia e de muitos outros assentados da agrovila dos “44” e demais agrovilas organizadas como tradicionais sítios rurais.

A recomposição do estilo de vida, nesse caso, expressa o ideário camponês, a concepção da unidade agrícola como unidade

de produção familiar. A alternativa colocada por esses trabalhadores insere-se no que WOORTMAN denomina “campesinidade”¹⁵. A terra é vista como patrimônio de família, sobre a qual se faz o trabalho que constrói a família enquanto valor. São categorias culturais centrais do universo camponês brasileiro, o trabalho, a família e a liberdade. O sítio é, portanto, o lugar da família e o espaço da liberdade. Nesse contexto, a casa é o centro, o espaço por excelência da construção da vida familiar. Não por acaso, em geral ela está situada no meio do lote, feita de alvenaria e mobiliada com novos armários, geladeiras e fogões e parte do velho mobiliário herdado, que resistiu a tantas migrações, correrias da polícia ou estouros de boiadas proposadamente jogadas sobre os acampamentos. Ela guarda, junto com velhas lembranças, os sonhos de liberdade.

Já os trabalhadores organizados pelo MST concebem a vida na terra como vida em coletividade, a melhor alternativa para viabilizar a permanência na terra, embora respeitem o estilo de vida adotado pelos outros. Tudo é coletivizado: o trabalho, a organização de produção e divisão do trabalho, a educação das crianças e as decisões fundamentais sobre todas as esferas da vida, até mesmo a do “destino” das crianças, pensado como parte do projeto

grupal de reprodução do assentamento. A construção desse projeto contou com a colaboração do MST, que promoveu o “laboratório de campo”, cuja história é muito mais interessante quando contada por seus “atores” principais, os associados da COPAJOTA (Cooperativa de Produção Agropecuária Josimo Tavares) como Lurdinha, que, em sua história de vida, conta a história da trajetória grupal de organização para obter a terra definitiva e construir o sonho socialista de viver nela em coletividade:

“Valer a pena valeu, sabe. Valeu a pena. Tivemos dificuldades muito grande durante cinco anos, né, cinco anos de luta e de resistência. Nós tivemos muitas dificuldades prá conquistar a terra definitiva, né... que no ano passado (1992) no dia 15 de... dia 16 de outubro que nós recebemos a posse da terra definitiva... Mas prá conseguir a terra definitiva e ficar nela sem ter uma organização ficaria difícil, né, que nós tínhamos o grupo, que era o grupo de nove famílias na qual a gente trabalhava coletivo, né e tudo comunitário, até a cozinha, a comida era tudo na cozinha comunitária... Foi aí que nós decidimos formar a cooperativa...nós se reunimos e a gente descobriu que o único jeito da gente permanecer na terra, de resistir, e toda essa discussão que hoje faz os grandes latifundiários, quer engolir o

pequeno agricultor... e só com o sistema cooperativista...então fizemos nosso laboratório de campo, que durou 28 dias...”

A história de Lurdinha é uma busca de melhores alternativas de vida: de origem rural, chega a Campinas na década de 70 e passa a atuar nas CEBs, organizando a população nas reivindicações por saneamento básico, educação, saúde e asfalto, chegando, a partir dessa luta, ao movimento sindical. Na fala dessa assentada, a saudade da terra está sempre presente, apesar de ter vivido duas décadas na cidade. Destacam-se, na fala, a expropriação, a chegada à cidade e a entrada nos movimentos populares, enquanto seu marido entra na luta pela terra e ela acompanha, quando “o movimento popular passa a ser luta pela terra”, tomando consciência de que ali está a transformação.

“Aí era toda uma tortura, porque você está acostumado na roça. Vida sossegada, né? Apesar de tudo ... apesar de ter perdido soja, tudo. Mais o campo é muito diferente de que uma cidade grande. Eu chego na cidade, prá mim foi uma transformação, aquilo que eu nunca tinha visto na minha vida. Que era aqueles ônibus super lotado. ..depois o Luizinho com o tempo o Luizinho cresceu mais. Quando ele estava com 4 anos, aí eu fui trabalhar. Arrumei serviço

• • • • •
• ¹⁵ WOORTMAN, K. 1970. Vide também SHANIN, T. “El campesinato como factor político”. In SHANIN, (ORG) *Campesinos y sociedades campesinas*.

na creche.. Mais nesse tempo que eu fui trabalhar na creche, que eu já tinha aprendido a me virá na cidade e participando de comunidade, do bairro e conhecendo a “Teologia da Libertação”. Então despertou dentro de mim aquela vontade de ajudar a transformar, pelo menos o mundinho onde eu vivia, né que nós não tínhamos água, não tinha luz, não tinha esgoto, num tinha escola, né... E aí com 5 companheiros a gente, nós começamos fazer um trabalho de melhoramento do bairro. Conseguimos a água, conseguimos a luz... Daí em 86, eu continuei sendo a presidente...”

A história contada relata a trajetória de chegada à cidade e todo o trabalho de acostumar-se ao estilo de vida urbano, que a remete aos movimentos sociais em busca de melhorar o entorno do bairro, para sua família e demais moradores. Acostumada, já líder do movimento de CEB's, Lurdinha é quase que “surpreendida” pelo marido, cujo projeto de vida ainda se construía sobre a terra:

“Quando foi 86 o meu marido começou a participar, né, o Geraldo começou a participar de umas reuniões que estavam tendo nos bairros, nas comunidades, prá discutir a questão da terra, da volta prá terra., eu não, eu já estava no movimento popular, eu já estava bem longe, participava

das reuniões que havia no Centro de Pastoral... além de ser presidente da associação eu era também da coordenação das CEB'S da Diocese, era da coordenação da catequese da regional, eu participava da Pastoral Operária, né... Ele chegou lá e falou: “Olha, eu não sou mais apoio ao grupo que tá se reunindo na luta pela terra, eu vou ocupar.” Eu disse: “Mas eu não estou preparada prá isso”. Ele falou: “Mas eu vou ocupar”. Eu era presidente do bairro, o meu nome sendo cogitado prá próxima eleição que ia ter, em 87, a vereadora da região...Mas eu não podia impedir, porque era um sonho, que a gente durante todo esse tempo que eu estava envolvida na luta popular, que eu estava trabalhando tudo ele sempre estava horas empregado horas desempregado. Quando você pensava que ele, estava firme numa firma ele já não estava mais. Então, ora estava empregado, ora não estava. Aí ele falou: “Ah, não agüento mais isso.” Eu quero sair, eu preciso, nós precisamos voltar prá terra de novo. Foi aí que ele veio na ocupação de 2 de novembro. Aí ele veio e eu fiquei, até entregar meu mandato prá outra e ... dia 25 de dezembro eu vim aqui visitar, né. E eu vi aquele monte de barraco, aquele monte de criança, aquele monte de jovem, e eu ficava pensando: “Meu Deus, será que adianta eu ficar lá na cidade sendo que a transformação tá aqui? Se adianta eu ficar lá agora acho que todo tempo, 12 anos que eu trabalhei lá, já era o suficiente prá ter

feito o que tinha de fazer”. Então, eu mesmo achei, né, vendo a situação, que eu teria que voltar prá cá...Foi aí que eu deixei então tudo e vim mais os meninos, prá dentro de um barraco que mal cabia a gente dentro, né? Uma casa terminada em Campinas,...”

A decisão de Lurdinha de vir para a terra, é política, aliada a uma decisão pessoal: acompanhar o marido em seu sonho de volta à terra é projeto que se alia à percepção de que na luta pela terra ela estaria, de fato, trabalhando pela transformação. Sua indecisão é vencida no momento em que percebe que ali havia um campo de luta em defesa de seus ideais. A chegada à terra significa outro mergulho na luta, na terra e junto aos órgãos governamentais para garantir a posse definitiva. A história contada revela o enquadramento da memória a partir da vida familiar: as datas lembradas a partir da idade dos filhos no momento do acontecimento entrelaçadas com a história da luta, com outros personagens (companheiros das CEB's, hoje assentados) e com sua participação política¹⁶.

Na fala de Lurdinha destacam-se a construção de imagens

• • • • •
 • ¹⁶ Como afirma POLLAK, “A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. POLLAK, M. “Memória e identidade social”. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº.10, 1992, p.204.

do presente na terra a partir da memória da luta para obtê-la; a escolaridade e a concepção de vida diferenciada, dos trabalhadores cooperados, em relação aos demais assentados; o papel da mulher no assentamento, as lideranças femininas avançando, mesmo após a conquista da terra; a concepção da vida na terra, como vida em coletividade. Mas, como uma personagem de destaque no movimento de luta pela terra, a reconstrução de sua biografia é política, ou seja, a vida familiar, a vida privada, entrelaça-se com a vida pública, com a sua participação política desde as CEBs até o MST.

A indecisão de Lurdinha no momento de entrar na luta pela terra, relaciona-se com a mudança de sua trajetória política e também com o fato de ter que deixar para trás tudo o que a família e o grupo já haviam conseguido construir na cidade. Foi, portanto, verdadeira mudança de rumo. Destaca-se na fala de Lurdinha, o longo processo de construção de sua autonomia, a partir dos movimentos populares, processo que resulta na melhoria da qualidade de vida de sua família e do seu bairro. Entretanto, qualidade de vida supõe também emprego estável, um projeto que a família não estava conseguindo levar adiante na cidade, pela insegurança do trabalho do “chefe da casa”, o que os conduz à luta pela terra,

movimento no qual a liderança de Lurdinha, construída nas lutas urbanas, logo desponta.

Num diálogo com BRESCIANI¹⁷, que estuda os paradigmas do conhecimento e vivência nas cidades e sugere sete portas de entrada na vida urbana, associadas à idéia de modernidade, podemos pensar nas sete portas de saída da cidade. A autora sugere como portas de entrada, a questão da cidadania; a questão social ou da pobreza; a cidade como espaço de formação de novas identidades sociais, nova sensibilidade e construção de uma nova cultura, em contraste com a suposta vida rural idílica; a cidade como lugar de progresso, de história e de construção da cultura popular e da subjetividade, muitas vezes cindida. Para conhecer as sete portas de saída, os trabalhadores hoje assentados são os informantes ideais: a exclusão da cidadania, o desemprego e a pobreza associados, em muitos casos, à participação em movimentos sociais responsáveis pelo aparecimento de novos atores sociais, mais lúcidos e mais conscientes de seus direitos. A luta pela terra é uma porta de saída das difíceis condições de vida na periferia urbana, não só para os militantes do MST, mas para todos aqueles que lutam por terra, vendo nela a oportunidade de resgate da cidadania.

Lurdinha é uma assentada cuja vida expressa perfeitamente a difícil passagem pelo meio urbano que lhe permitiu, através da participação nas CEB's, lutar pela melhoria da qualidade de vida na cidade, concomitantemente à formação de consciência crítica expressa agora na luta pela terra. A conquista da cidadania conduz à saída da cidade, à construção de projeto familiar e grupal centrada na vida rural, não como sonho camponês, mas como sonho coletivo, para ela, um sonho socialista. A construção da vida na terra é sempre lembrada por ela, como coletiva. Note-se que as imagens do lote, da casa e do sítio, tão presentes nas falas de Néia e de Dona Teresinha, estão ausentes na fala de Lurdinha, ou melhor, são substituídas pela construção do sonho coletivo. Sua participação no MST traduz-se em ações internas ao assentamento aliadas a uma percepção aguda da situação de miséria dos trabalhadores brasileiros e a uma viva consciência de que a Reforma Agrária é alternativa para melhores condições de vida. Essa consciência não arrefece após a conquista da terra. Enquanto Néia, uma das líderes da ocupação da fazenda, se afasta da luta após a conquista da terra, a participação de Lurdinha, ao contrário, ganha novos contornos e maior amplitude com sua participação e de outros membros da COPAJOTA na direção estadual



¹⁷ BRESCIANI, M. S. Permanência e ruptura no estudo das cidades. In *Cidade e história* modernização das cidades Brasileiras, 1992.

e nacional do MST, bem como na CCC (Comissão Central de Cooperativas), ligada ao MST.

O projeto de Lurdinha, que traduz o projeto grupal dos assentados reunidos em torno da COPAJOTA, é para todo o assentamento e para outros trabalhadores que queiram entrar na luta pela terra. Mas a percepção da vida rural centrada na casa, aqui desaparece. A poética do espaço de Lurdinha é muito mais ampla, pois não envolve apenas o espaço familiar, mas todos os assentados e todos os trabalhadores em geral, que sonham com a terra como espaço de realização de cidadania. A poética dessa militante do MST é um sonho de mais justiça apoiado na Reforma Agrária. Seu universo perdeu a delimitação do espaço centrado na casa, no lote, para ganhar outra dimensão, a de luta pela terra para todos os excluídos. O “lugar” de Lurdinha é na terra, espaço de trabalho coletivo e seu tempo é repartido entre a participação no MST e o trabalho na terra. Este, pouco aparece em seu discurso, a não ser enquanto espaço de organização, de um projeto¹⁸ voltado para a reprodução do assentamento pelo trabalho de todos, o que inclui a formação dos jovens para uma agricultura racional. O “sonho socialista” que seu grupo portava

na chegada à terra, mescla-se com o da viabilização econômica do assentamento como forma de construir uma vida mais digna:

“... A gente, não é porque hoje trabalha no campo, vive no campo que você não precisa ser formado, né? Nós hoje lutamos pela nossa formação de quadros. Nós precisamos de técnicos agrícolas, nós precisamos de engenheiro agrônomo, nós precisamos de contador, nós precisamos de administrador, que esteja fazendo uma administração de empresas, voltada para nossas necessidades. Enfim, nós precisamos de advogados e a gente precisa de professores, a gente precisa de quadros dentro do Assentamento. E nós vamos batalhar prá isso! Nós precisamos morar com dignidade! A nossa perspectiva como cooperativa é a gente avançar!.. Nós precisamos de telefone, nós precisamos de computador, de uma boa máquina de escrever, de...coisas boas, prá gente trabalhar. Não é assim que os grandes vivem hoje? Eles têm, não têm, tudo isso? Os pobres do campo hoje é preciso se organizar e ter vida digna. Ter casa com dignidade prá morar. Então nós estamos batalhando prá isso.. Mas, não só prá mim, mas coletivo, [através de] trabalho profissional em cooperativa. E isso o povo tem que se organizar! Ao ocupar a terra, já tem que ir consciente

da ocupação, mas consciente da organização prá permanecer na terra!”

Nesse momento, passa a falar a militante, revelando forte oposição ao capital, numa fala muito distinta da fala de Néia e de Dona Teresinha, para quem a oposição ao capitalismo é diluída na construção da autonomia no lote. Elas não entram em relação de oposição direta ao jugo capitalista do qual buscaram libertar-se na procura de terra para trabalhar por conta própria.

A dedicação à fala das três mulheres escolhidas, moradoras de agrovilas diferentes e com trajetórias distintas, revelou o acerto da escolha da história de vida como instrumental para captar os momentos de transformação. Elas revelam a trajetória da luta e a construção da nova vida na terra¹⁹ e mostram que as diferenças significativas do ponto de vista da construção do novo modo de vida guardam relação dialética com a percepção da família, da vizinhança, da coletividade e da totalidade.

Conquistado o novo espaço, a princípio amplo e não delimitado, ocupado pelo verde, as famíli-

• • • • •

¹⁸ Não pretendo discutir aqui se o projeto socialista formulado pelo grupo de Campinas é realizado na Cooperativa, ou se ela é um típico empreendimento capitalista. Para uma discussão desse tema, vide D'AQUINO, T. “NAS TERRAS DE PROMISSÃO: da luta à construção do lugar”.

¹⁹ Sobre uso de histórias de vida em momentos de transformação, vide POLLAK Memória e identidade social, p. 211.

as constróem suas casas, retratos de muitos sonhos que se inscrevem no espaço como constelações. Os que se concebem como sitiante, arquetam seus lotes e, sobre eles, as casas e os quintais, as hortas e os pomares, os chiqueiros, os galinheiros e as roças e, mais ao longe, as cercas. A casa se abre para o lote sobre o qual se estende o olhar de prazer, de realização, de segurança e de domínio. Olhar o que é “seu”, cuidar, é o sentido de morar no lote. Autonomia, intimidade e repouso estão na casa, nos jardins, nos canteiros... “A acolhida da casa é tão total quanto o que se vê da janela” e o olhar, acostumado ao miúdo da costura, ao apertado do barraco urbano, ao geométrico da cidade agora se espraia, olha longe e verde.

Os que moram nas agrovilas, estendem seu olhar de modo diferente: da casa para a rua de terra e dela para os barracões da cozinha comunitária, de reunião, da pocilga, do viveiro de mudas, da escola e das imensas roças de milho a perder de vista, que traduzem a realização do sonho de fartura para todos. Em contrapartida, nesse espaço amplo, o tempo encarcerado, controlado, da produção coletiva, que simboliza outra liberdade, a de organizar-se, conquistar a terra e produzir nela coletivamente. Um outro verde sobre o mesmo verde, um sonho socialista: “*Quando as cumeiras de nosso céu se juntarem, minha casa terá um telhado*” (Paul Éluard In BACHELARD).

Os assentamentos rurais constituem-se como novos espaços de sociabilidade que se espalham por todo o interior do país. Simbolicamente estão associados, para os trabalhadores assentados, às imagens de segurança relacionadas a terra-mãe-fartura, portanto, segurança alimentar. Estão associados também à segurança da reprodução familiar, escapando ao risco da exclusão e ao medo da criminalidade urbana (como vítimas ou autores). Todas essas imagens têm como centro a casa, construída no lote ou na agrovila, que simboliza abrigo e proteção.

III – Referências Bibliográficas

- BACHELARD, G. *A terra e os devaneios do repouso. Ensaios sobre as imagens de intimidade*. São Paulo, Martins Fontes, 1990.
- BACHELARD, G. *A Terra e os devaneios da vontade. Ensaios sobre a imaginação das forças*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- BERTAUX, D. *Destínos pessoais e sociedades de classes. Para uma crítica da antroponomia política*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- BRESCIANI, M. S. Permanência e ruptura no estudo das cidades. In *Cidade e história modernização das cidades Brasileiras*, 1992.
- CÂNDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito*, RJ. José Olympio, 1964.
- D'AQUINO, T. “Nas terras de Promissão: da luta à construção do ‘lugar’” In FERRANTE, V. L. (ORG.) *RETRATOS DE ASSENTAMENTOS. CADERNOS DE PESQUISA*. FCL/UNESP/Araraquara, Ano I no. 1 – 1994, p. 175/247.
- _____ (org.) *RETRATOS DE ASSENTAMENTOS. CADERNOS DE PESQUISA*. FCL/UNESP Araraquara, Ano III – n.º.4 – 1996.
- GORGEN, F.S. & STEDILLE, J.P. (org.) *Assentamentos: a resposta econômica da Reforma Agrária*. Petrópolis, Vozes, 1991.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice/ Edit. Rev. dos Tribunais, 1990.
- MAFFESOLI, M. *O conhecimento comum*. São Paulo, Brasiliense, 1988.

- ORTIZ, R. (ORG.) *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo, Ática, 1983.
- POLLAK, M. “Memória e identidade social”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, nº.10, 1992, p. 200-212.
- SHANIN, T.- “El campesinato como factor político”. In SHANIN, (ORG) *Campesinos y sociedades campesinas*. México, Fondo de Cultura Económica, 1979.
- TELLES, V. S. “A experiência da insegurança: trabalho e família nas classes trabalhadoras urbanas em São Paulo”. *Tempo social; Rev. Sociol/ USP*, 4(1-2).; 53-93, 1992.
- THOMPSON, E. P. Tiempo, disciplina de trabajo y capitalismo industrial In *tradición, revuelta y consciencia de clase*. Barcelona: Editorial Critica, 1990.
- THOMPSON. P. *A voz do passado: História oral*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- VASCONCELOS, N. “Le corps, la maison et la sexualité”. *Cahiers Sc. Fam. et Sex.* nº.11, juin 1987, 105-128.
- WOORTMANN, E. “A árvore da memória”. Brasília, *Série Antropologia*, nº.159. 1994.
- WOORTMANN, K. “Cum parente não se neguecia” O campesinato como ordem moral. Brasília, *Anuário Antropológico/87*, Editora UNB/ Tempo Brasileiro, 1990.